



A QUESTÃO DA INTERPRETAÇÃO NO ESTUDO DA COMUNICAÇÃO MUDIÁTICA

Carmen Virgínia Montenegro Sá Barreto

Professora do Departamento de Comunicação da UFPB

Doutoranda em Ciências da Comunicação - UNISINOS

1. OBJETO DE ESTUDO E CAMPO DA COMUNICAÇÃO

Pode-se dizer que há um consenso quanto a questão de que, essencialmente, os estudos de comunicação têm, como ponto de partida, como “objeto fundante”, as interações sociais, a conversação ou o vínculo. Estudos que problematizam essas questões, sem dúvida, podem ser situados no campo da comunicação. Contudo, pensando em questões como definição e legitimação do campo, essa perspectiva geral não contribui muito, no sentido de que não ajuda a delimitar as fronteiras entre as áreas das ciências humanas e sociais que também trabalham com a questão da comunicação.

Martino, além de considerar os meios de comunicação como fator que pode caracterizar melhor o objeto de estudo da comunicação, chama a atenção para o fato de que nenhuma das disciplinas que também trabalha com os meios de comunicação “se propõem a estudar os meios de comunicação à luz do sentido da nova forma de organização coletiva.” (2001, p. 88) O autor, então, enfatiza uma lacuna nos estudos dos meios de comunicação. Um objeto novo, pode-se dizer, desafiante e que poderá ser, prioritariamente, estudado pelas ciências da comunicação. Podendo-se obter com os resultados das pesquisas uma maior legitimação para o campo, dado a relevância do estudo desse fenômeno social para a sociedade.

Para Sodré, as práticas sociais midiáticas se instituem como um campo de ação correspondente a uma nova forma de vida, ou um “bios midiático”. (2001, p.111) O campo comunicacional como um espaço para um novo tipo de reflexão sobre o homem. Um espaço que exige um novo sistema de pensamento, um espaço como diz o autor, com base em



Feyerabend capaz de incluir “teoria várias, concepções metafísicas e contos de fadas.” (p.15)

A complexidade das mídias na relação com a sociedade demandando uma área de estudo que se proponha a unir saberes da ciência, da metafísica e dos sonhos, ou seja, do espaço das subjetividades humanas. Parece-nos que, essa nova realidade social decorrente dos dispositivos tecnológicos comunicacionais deve ser estudada, dado a sua complexidade, em um espaço de conhecimento que demande um saber com certa especialização, então, seria esse o lugar –objeto privilegiado dos estudos de comunicação? Os processos comunicacionais de uma nova configuração social decorrente dos dispositivos de comunicação midiática seria, então, o objeto nuclear da comunicação? Esses estudos, dado a sua relevância social, contribuiriam para afirmar um campo de estudo da comunicação com maior clareza e politicamente com maior relevância para o saber das ciências humanas e sociais?

Partimos do pressuposto que, apesar de não haver consenso, entre os teóricos da comunicação, no que se refere ao objeto de estudo das ciências da comunicação, e não se poder considerar os processos midiáticos como tema exclusivo da área, há que se ressaltar uma certa tendência para se reconhecer na mídia, em razão de sua relevância enquanto elemento constitutivo e constituinte da sociedade, o objeto mais evidente a ser trabalhado no campo da comunicação. Com efeito, cabe uma discussão sobre elementos de uma epistemologia de processos de comunicação midiática. Nesse espaço, refletiremos sobre a relação do sujeito com o objeto, o “olhar epistemológico”, as diferentes concepções de interpretação.

2. SUJEITO-OBJETO: A QUESTÃO DA INTERPRETAÇÃO

Pensando uma epistemologia da comunicação midiática, a complexidade dos fenômenos comunicacionais, o real sendo construído e manifesto “nas” e “pelas” diversas mídias, os processos de produção e reconhecimentos simbólicos, nos parece interessante pensar com Marx no seu livro “Contribuição para uma crítica da Economia Política” quando, na perspectiva de desvendar as lógicas das práticas sociais, passa a estudar questões de economia. No que se refere ao seu método dialético aplicado à economia política para se

analisar por exemplo um país, o autor chama a atenção que o melhor método será não começar a análise por uma totalidade viva, população, nação ou Estados, pois, assim se teria uma visão caótica do todo, e sim por noções singulares, como trabalho, a divisão do trabalho, a necessidade, o valor de troca; visto que a partir do momento em que esses fatores fossem isolados, fixados e teoricamente formulados, seria possível se chegar a uma totalidade, enquanto uma rica totalidade, de determinações e de relações numerosas, como é por exemplo uma população.

Isto quer dizer que, a análise deveria começar por unidades singulares, pois estas conteriam a complexidade e expressariam aspectos substanciais das configurações gerais. As abstratas vistas como todo, como ponto de partida, não permitiriam uma visão clara da realidade e, sim, uma visão caótica.¹ Parece-nos que essa questão, em se tratando de processos discursivos midiáticos tem correlação com a concepção do conhecimento e ideológico em Verón. Para analisarmos fenômenos discursivos midiáticos os aspectos gerais, contextuais, deixaria suas marcas, suas pistas no discurso analisado, portanto, o analista do discurso teria condições de compreender por via da singularidade do discurso midiático analisado, a complexidade e as configurações do macro ambiente. Uma forma de se perceber e interpretar o real na relação do macro e micro ambientes comunicacionais, “sob o efeito ideológico, o discurso surge como possuidor de uma relação direta, simples e linear com o real; por outras palavras: como sendo o único discurso possível sobre o objeto, como sendo absoluto.” (Verón, 1980, p. 112) A análise dos discursos midiáticos, então, trataria de buscar estabelecer relações entre a linguagem e o social, destacando a relação do individual e o social através das pistas discursivas, das marcas do discurso, deixadas no texto na sua relação com o contexto social.

Nesse aspecto, podemos articular o pensamento de Verón ao de Fabri (2000), pois ambos se preocupam com a questão do contexto. Para Verón, a questão contextual referenciando o que se diz, ou seja, o ideológico. Trata-se do domínio da transcendência

¹ O seu método dialético para alcançar as sínteses fica claro neste enunciado: “o concreto é concreto por ser a síntese de múltiplas determinações, logo, unidade da diversidade. É por isso que ele é para o pensamento um processo de síntese, um resultado, e não um ponto de partida, apesar de ser o verdadeiro ponto de partida e portanto igualmente o ponto de partida da observação imediata e da representação. O primeiro passo reduziu a plenitude da representação a uma determinação abstracta; pelo segundo, as determinações abstractas conduzem à reprodução do concreto pela via do pensamento.” MARX, K, parte III. In: *Contribuição para a crítica da economia política*. 5.ed. Lisboa: Estampa, 1977, p. 229.



sobre a imanência, na medida que recupera o exterior, o entorno relacional. Enfim, tanto Fabri como Verón se preocupam com as relações exteriores das condições discursivas. A teoria do discurso de Verón abandona o modelo binário da lingüística estruturalista, e articula a problemática dos discursos sociais com o modelo ternário indicado por Frege e Peirce, buscando recuperar a materialidade do sentido e a construção do real na rede da semiose.² Trata-se da perspectiva da teoria do discurso como estudo da construção social do real. Nesse ponto também podemos articular Verón a Fabri. Este autor propõe uma semiótica que vise não mais estudar signos senão sistemas e processos de significação, pois o que importa não é a linguagem enquanto representação mais sua capacidade de estabelecer relações, ou seja, sentidos. (p.56)

Podemos pensar outras questões que se de certa forma se desdobram sobre essa relação, como o “efeito de sentido científicidade” de que fala Verón, ou seja, o efeito de sentido que se pode produzir quando se supõe descrever um domínio do real, em que se tematiza a si próprio, como se estivesse submetido às condições de produção. Isto é, a relação do discurso com sua relação com o real. (1996, p.111) Um discurso de ciência que questiona a si próprio como fala Bachelard, uma prática epistêmica de produção de conhecimento. Logo, uma relação do ideológico com o científico. O ideológico deixando marcas perceptíveis no discurso para o analista, a análise do contexto com o texto e o desdobramento das relações do discurso com o extradiscursivo, ou seja o efeito de sentido científicidade. Ao analisar o discurso midiático, o pesquisador em comunicação, deveria refletir, questionar sobre a sua interpretação, o conhecimento produzido. Com isto, se extrapola a condição da produção de um saber, para um saber que se pensa, um saber epistêmico. Contudo, não estamos dissociando o ideológico e a científicidade, pois com Verón estamos concebendo o ideológico como uma dimensão estrutural de toda a prática e com isto, também da prática científica, pois “o ideológico pode investir qualquer matéria significativa.” (1996, p.101-103)

Marx analisa a relação geral entre a produção e a distribuição, a troca e o consumo enquanto uma totalidade orgânica, tendo como questão central do estudo saber as condições

² “Por semiosis social entiendo la dimensión significativa de los fenómenos sociales: el estudio de la semiosis es el estudio de los fenómenos sociales en tanto procesos de producción de sentido.” VERÓN, E. *La semiosis social*. Barcelona: Gedisa, 1996, p. 125.

1 Trabalho apresentado no Núcleo de **Teorias da Comunicação**, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.

históricas gerais que intervêm na produção e qual a relação desta com o movimento histórico em geral, portanto, coerentemente com sua visão de ciência e ontológica de sociedade. Assim, para Marx há uma interdependência entre a produção e o consumo e essa identidade surge sob um triplo aspecto: identidade imediata, a produção é consumo e consumo é produção; ambos surgem como intermediários um do outro, a produção cria a matéria do consumo enquanto objeto exterior, e o consumo cria para a produção a necessidade enquanto objeto interno; a produção não é apenas imediatamente consumo, nem o consumo imediatamente produção, cada um ao realizar-se cria o outro, cria-se sob a forma do outro, a produção motiva o consumo ao criar o modo determinado do consumo. (p. 221-222)

Podemos estabelecer uma aproximação dessa relação com a questão das gramáticas da produção e o reconhecimento simbólico de que fala Verón. As duas gramáticas, a da produção e a do reconhecimento nunca são idênticas, já que são espaços sociais que têm experiências, expectativas e universos culturais distintos. Logo há duas leituras possíveis, a do processo de produção do discurso e a do consumo, mas esses espaços são interdependentes e o autor, demonstra isso pela via do seu conceito de circulação “enquanto o nome do conjunto que de mecanismos que, fazendo parte do sistema de sistema produtivo, definem as relações entre ‘gramática’ de produção e ‘gramática’ de reconhecimento para com um discurso ou um determinado tipo de discurso.” (1996, p.108) Em que pesem essas gramáticas nunca serem idênticas, há elementos no espaço da produção que fazem parte do espaço do reconhecimento e essa articulação se dá pela via da circulação. Parafraseando Marx, embora a “produção não é apenas imediatamente consumo, nem consumo imediatamente produção, cada um ao realizar-se cria o outro(...)”(Op., Cit.) Do ponto de vista de análise, trata-se de perceber o processo discursivo na interpretação, o receptor discursivo sendo construído discursivamente, podendo-se, apenas, interpretar o eu discursivo pelo processo do reconhecimento.

Nesse sentido, uma teoria da produção social dos discursos não pode limitar-se a um estudo de produção, o ponto de partida para a reconstrução das operações discursivas acha-se sempre no espaço da recepção, ou seja, o leitor dessas operações, o receptor, no caso, não se trata do consumidor dos discursos. (Verón, 1996, p.107-109) Nesse sentido, parece-nos que devemos romper com a idéia simplificada de interpretar a produção dos discursos midiáticos, em suas diversas modalidades, como determinação da vontade dos sujeitos envolvidos na sua produção, e entender também que é nessa “dialogia social” que se dá a relação das



instituições midiáticas com os seus atores receptores, com isto, a leitura desses processos produtivos devem levar em conta tais questões.

Resguardando os limites da exposição de Marx, em razão da época, que foi produzido, a cadeia produtiva percebida pelo autor sobretudo pela racionalidade econômica, tomando o consumo como o lugar em que se completa o processo de geração dos produtos, onde se realiza a expansão do capital e se reproduz a força do trabalho, de certa forma também se pode articular ao conceito de midiaticização de Verón, ou seja, o processo gerado pelas transformações ocorridas em elementos partícipes da comunicação midiática, a articulação entre dispositivos tecnológicos e condições específicas de produção e recepção no mercado discursivo da sociedade contemporânea. (s.d. p.13-14)

Quanto a Habermas podemos dizer que, ao estudar a problemática da compreensão nas ciências sociais, procura entender a lógica da compreensão das ações sociais, de forma interdependente às ações sociais, realizando um projeto epistemológico de uma teoria da racionalidade, uma racionalidade ético-comunicativa que atribui autoridade epistêmica à comunidade comunicativa.

Essa questão é interessante para se pensar ciências da comunicação no sentido em que o pesquisador perde sua posição privilegiada diante do objeto de estudo, relativizando o saber do pesquisador. Para que um pesquisador tivesse acesso aos dados para análise, deveria não só levar em conta que a linguagem observacional depende da linguagem teórica, mas que ele, como participante nos processos de entendimento, teria que servir-se das linguagens que se encontram no âmbito do empírico em questão. (1999, p. 158). Há que se evidenciar, contudo, que o objeto deve ser interpretado racionalmente, pois com diz o autor: “ tiene que hacer frente a la estructura racional interna de la acción orientada según pretensiones de validez, com una interpretación incoativamente racional.”(p. 165) Trata-se de entender as ações comunicativas e as suas interpretações racionalmente. Segundo os pressupostos do modelo comunicativo do autor, o agente dispõe de uma competência de interpretação igualmente complexa a do observador, com isto, o pesquisador perde sua posição privilegiada diante do “âmbito objetual.” (p.167-168)

No que se refere ao objeto de estudo, podemos dizer que, basicamente todos os autores citados nos incitam a pensar a relação sujeito-objeto sem a suposta neutralidade da ciência. Ver essa relação sujeito-objeto em comunicação pela via do pensamento complexo de Morin,

significa reintegrar o sujeito no objeto de sua observação, pois para o autor, “somos co-produtores do objecto que conhecemos; cooperamos com o mundo exterior e é esta co-produção que nos dá a objectividade do objecto.” (2001, p.161) Seria observar o objeto da comunicação sem fragmentá-lo, distinguindo sem separar, associando sem reduzir.

Um pensamento epistêmico que não rompe com a racionalidade, mas que aceita os seus limites, sem a prepotência do dominar o conhecimento, que aceita os escapes, as incertezas, as contradições, as imprevisibilidades, as brumas do conhecimento. Que aceita não ser completo, acabado, mas que ao não dominar o conhecimento não o escamoteia, mas revela os limites do saber, a complexidade dos objetos.

Trata-se de uma postura epistemológica, uma forma particular de lidar com o conhecimento produzido pela ciência, apesar de reconhecermos que essa questão não é nova na filosofia da ciência. Com efeito, entendemos que, apesar do caráter inovador do pensamento epistêmico em Morin, suas idéias se nutrem de várias filosofias e conhecimentos que não são explicitados. Neste sentido, compreendemos que suas reflexões sobre o seu “paradigma da complexidade” deveriam evidenciar a(s) raíze(s) de sua(s) matriz (es) epistêmica (s). Como exemplo, podemos citar quando Morin diz “que a complexidade encontra-se justamente no âmago da relação entre o simples e o complexo porque uma tal relação é a o mesmo tempo antagônica e complementar.”(p. 149), a evidencia da influência da filosofia oriental, com a idéia dos contrários que se complementam, a idéia de antagonismo que se concilia. Conhecer seria encontrar esses elos invisíveis, sutis de conciliação, de complementaridade.

O autor cita Bachelard quando diz que só existe a “ciência do oculto”, e que ao se procurar o invisível, atrás das aparências se poderia encontrar as leis que constituem a ordem do mundo. O mundo aparente seria o da ilusão, dos epifenômenos, fazendo alusão ao pensamento oriental da ilusão do real imediato, com suas redes ilusórias, daquele que se revela nas aparências, o maya dos indianos. A rede ilusória que enreda os seres humanos, equivocados pelo real como ele se apresenta, assim como diz a música “as aparências enganam aos que odeiam e aos que amam”.

Trata-se de uma postura epistêmica de buscar o real com profundidade, sem envolver-se nas aparências, sem se contentar com resultados fáceis, ir a fundo nas questões do objeto de estudo, analisando com aproximações e deslocamentos. Para Morin, a verdadeira



racionalidade reconhece a irracionalidade, e dialoga com o irracionalizável, e é tolerante em relação aos mistérios. (p. 171- 172)

A questão da interpretação com base no invisível, uma “ciência do oculto” pode ser também percebida em Bateson, teórico da Escola de Palo Alto, o “Colégio Invisível”, dos anos 40, escola que, essencialmente, se opõe à corrente da teoria da informação e que propõe que a comunicação tenha um modelo próprio, no qual a pesquisa possa apreender um nível de maior complexidade, de contextos múltiplos e sistemas circulares, quando o autor resgata de Freud a questão do determinismo psíquico e põe o acento na generalização dessa idéia no domínio dos estudos de processos de comunicação interpessoais. (Bateson, 1996, p. 125).

O inconsciente, o invisível, o imaginário e o sonho estariam expressos nas falas e gestos da comunicação interpessoal. Daí a ênfase nos estudos da kinésica, das atitudes corporais como modalidades de comunicação, por essa corrente teórica. A questão de interpretar o corpóreo, o afeto, o subjetivo e o “invisível” na análise da comunicação midiática, nos estudos das diversas semióticas verbais e imagéticas tem em Fabri uma significativa contribuição, quando acrescenta a noção de narratividade como lógica das ações um estudo das paixões, introduzindo a dimensão da afetividade, ausente na análise semiótica anterior. Uma introdução que, significa modificar radicalmente a teoria semiótica, o velho modelo semiótico construído sobre cimentos cognitivos referenciais. Analisa ação e paixão juntas, e, dessa forma, recupera a dimensão da paixão em contraposição do caráter cognitivista dos estudos de linguagem. Estudos que não dissociam os signos lingüísticos e os não lingüísticos. Questão que complexifica a interpretação, agregando valor, refinando a análise dos dados obtidos, o “efeito de sentido científicidade” como diz Verón.

Dados do empírico que implica na necessidade do pesquisador ter que considerar não apenas a razão para a interpretação e sim, a sensibilidade, a lógica da intuição. Daí também um maior convívio e vínculo dos teóricos da Escola de Palo Alto com o empírico, nos moldes das etnometodologias, o imperceptível tornado perceptível pela via do constante observar, lidar com os processos comunicacionais, não esquecendo, nesse processo, a constante preocupação com o teórico, a busca do micro para conhecer o macro, a problematização do contexto. Do ponto de vista das possibilidades da Escola de Palo Alto, para a leitura dos fenômenos midiáticos, não podemos esquecer também a riqueza de saberes



interdisciplinares de sua composição teórica, com saberes da psicologia, da psiquiatria, da biologia, da matemática, da comunicação, da antropologia e da sociologia.

Na medida, em que uma nova organização social decorrente dos dispositivos midiáticos exigem como diz o Sodré um “novo pensamento em comunicação”, achamos que os mecanismos sensíveis adotados por Bateson devem servir como elementos de uma epistemologia da comunicação midiática para a interpretação das interações sociais experienciadas pelo indivíduo no mundo mídia, pela via do interacionismo simbólico, que no caso do estudo, deve levar em conta as mídias, o individual e o social.

Bourdieu na sua teoria da ação, concebida como um paradigma da economia dos bens simbólicos também nos dá munição para interpretarmos o invisível, quando nos diz: “a teoria da ação que proponho (com a noção de *habitus*) implica em dizer que a maior parte das ações humanas tem por base algo diferente da intenção, isto é, disposições adquiridas que fazem com que a ação possa e deva ser interpretada como orientada em direção a tal ou qual fim(...)” (1998, p.164-165). O indivíduo entra sem intenção ou cálculo no jogo da troca. Trata-se da quebra do “tabu da explicitação,” (Op., Cit., p. 162) de dizer do que se trata, declarar a verdade da troca. As trocas simbólicas, o capital humano, tem seu subterfúgio, sua “invisibilidade.” Querer apreender as interações simbólicas dos processos midiáticos, pela via do explícito, pela razão pura, não dá conta dos vínculos sociais.

Para Baudrillard, “não há verificação possível do mundo – é por isso que a ‘realidade’ é uma impostura.” (2002, p. 9). O autor, com base em uma epistemologia do nada, da filosofia do niilismo absoluto, ou o niilismo contemporâneo do valor, parte da idéia que a troca é impossível, e que a incerteza do mundo deve-se ao fato dele não ter um equivalente, por ele não se trocar por nada. O mundo não pode se trocar pela verdade nem pela realidade, pois não há lugar para o mundo e seu duplo, havendo, portanto, uma total indefinição. Não há troca na economia, na política, não há troca em nada.

Questão em que o autor se contrapõe radicalmente contra o paradigma da economia das trocas simbólicas de Bourdieu, autor em que se pode alinhar na perspectiva de um estruturalismo historicizado, uma sociologia dos fenômenos simbólicos, atenta a compreender, de forma contextualizada, fenômenos de produção simbólica e de relações de poder. Um pensamento sociológico que se contrapõe a teoria sociológica do estrutural-funcionalismo, que tem em Talcott Parson um dos seus principais expoentes, cujo trabalho



relaciona estrutura e sistema social. Bordieu contrapõe essa relação com a de estrutura e campos sociais. A noção de estrutura de Bordieu é vital na sua teoria dos campos sociais, e remete a idéia de que estrutura se relaciona aos processos sociais, pois é construída nas relações sociais, em que pese o sujeito na relação com a sociedade herdar estruturas existentes na sociedade. Para pensar essa questão, Bordieu relaciona sua idéia de campo a outra noção fundamental do seu pensamento, a de *habitus*. Essa noção se presta para pensar de forma indissociável o indivíduo e a sociedade, pois como no diz o autor: “o habitus tem sempre um caráter social, mas vive no interior de cada indivíduo – onde forma as maneiras de ser, de estar, de dizer e até de sentir.” (Bordieu apud Esteves, 1998, p.140). As noções de campos e *habitus* remetem a espaços de interação social, a idéia de cotidiano, de trocas simbólicas, de inter-relações entre o indivíduo sociedade.

Não há trocas simbólicas, mesmo que o pesquisador venha a se propor a verificar a realidade localmente, contra a incerteza do mundo não há recursos. (Baudrillard, Id., ibid.) A incerteza é absoluta. Contudo, diz que “só podemos captar o mundo a partir de um ponto ômega exterior ao humano, a partir de hipóteses que representam para nós o papel de atrativos estranhos.” (p.23) Não se trata de uma questão metafísica a que o autor se propõe? Paradoxalmente, percebemos que o autor parece gritar por uma crença, nem que seja o nada, o nada como sustentação absoluta, ou será que o autor busca o universo paralelo de que fala os místicos? O autor, fala do universo paralelo como sendo a internet, um virtual que pensa o sujeito, “mas meu duplo erra nos fios das redes, onde não encontrarei jamais. Pois esse universo paralelo não tem relação com ele.”(p. 21)

Uma crença em um nada que define a *priori* a impossibilidade da troca e da verificação. Para que pesquisar, então? Não há mesmo o que se verificar, ou há? O pensamento do autor, do ponto de vista epistêmico da interpretação, contudo, é desafiador e tem o valor de “chacoalhar” com as certezas. Quando se fala em “bios midiático” uma nova ambiência, da realidade virtual, clonagem e tantos avanços tecnológicos antes quase impensáveis no mundo da realidade cotidiana, talvez o olhar epistemológico do autor esteja centrado nessas questões. Um mundo de descobertas de incertezas e imprecisão, que pensando sob a ótica dessa angulação da vida contemporânea, fica difícil de se refletir com um pensamento municiado de uma lógica mais formal e racional. O autor pensa na morte do sujeito, e, neste sentido, Sfez critica Baudrillard, como um pensador que põe o poder

absoluto no circuito das informações, reduzindo a nada o sujeito individual, tanto emissor como receptor da comunicação de massa.³ Baudrillard, pode ser considerado o apocalíptico da contemporaneidade, pois parece que ao radicalizar a crítica ao efeito cascata infinito da informação provocados pelos dispositivos da comunicação midiática, parece querer, paradoxalmente, anunciar a morte do sujeito e anunciar um “sujeito fractal” despedaçado e proteger esse mesmo sujeito, as suas capas fractalizadas.

Será que a questão da impossibilidade de se verificar está na ordem do invisível de que fala Morin e Bachelard? Será que a proliferação da informação midiática, das coisas que sucedem indefinidamente, camufla, como um camaleão, mais e mais a realidade aparente? Será que a ciência deve mesmo se concentrar no “oculto”? A proliferação dos acontecimentos da ordem do midiático, em que pese trabalhar com a estratégia da visibilidade, não tonará dado a sua profusão e ondas indefinidas o verificável mais e mais invisível? Que lógicas epistêmicas deve o pesquisador de comunicação se basear? O mundo da ciência que aceite os diversos olhares, a lógica racional, a do imaginário, a do sonhos e dos contos de fada de que fala Feyerabend?

Quanto ao pensamento epistêmico de Morin, reiteramos que, na sua base filosófica, tem aproximações com a filosofia oriental, quando diz no universo as coisas estão separadas e ao mesmo tempo unidas, que a questão fundamental da complexidade não é que a essência do mundo é complexa: “é que essa essência é inconcebível. A complexidade é a dialógica ordem/desordem/organização. Mas, por detrás da complexidade, a ordem e a desordem dissolvem-se, e as distinções dissipam-se. (grifo nosso). O mérito da complexidade é denunciar a metafísica da ordem.” (p.151).

Um pensamento, percebemos, com base na filosofia do *Tao*, no qual se entende que as diferenças se complementam e em dado momento se diluem. Se bem que temos que salientar que, o autor faz crítica à visão de alguns metafísicos, com influência no pensamento oriental, sobre a questão da unidade das coisas pois, para ele, ao se pensar essa unidade se estaria escapando da visão de complexidade, “ pois a complexidade está lá onde

³ “É nessa linhagem que se pode situar o trabalho de Baudrillard. Ainda que o brilho da análise, o fascínio exercido pela perda dos referentes, o vazio no qual a sociedade continua a girar rumo ao consumo nos movam e captem nossa atenção, não é menos verdadeiro que é de fato por uma radicalização de uma crítica ideológica da mídia que efeitos de desrealização são apontados.” SFEZ, L. Nascimento do tautismo. In: *Crítica da comunicação*. São Paulo: loylola, 1994, p. 100.



não se pode vencer uma contradição, ou mesmo uma tragédia.”(p.93) Aí o autor explicita a aceitação da desordem, do saber científico que aceita os seus limites, “a incapacidade de evitar contradições.”(p. 99)

A incerteza de que fala Morin é distinta da incerteza radical de que fala Baudrillard, neste autor, a incerteza resultando na impossibilidade de se verificar, no caso de Morin incerteza e contradições como questões que implicam uma postura epistemológica do pesquisador, que o leva a aceitar os limites do conhecimento, os escapes da própria realidade observável. Baudrillard propõe em termos epistêmicos “ uma revisão dilacerante do princípio de realidade, revisão dilacerante do princípio de conhecimento. Isso supõe, na verdade uma dialética do sujeito e do objeto, do qual o sujeito é mestre, já que é ele que a inventa.” (p. 28) A realidade observável como invenção do pesquisador. Para o autor, a ciência não tem condições de dar ao seu objeto um estatuto definitivo, que o objeto oculta-se, (Id., Ibid) Logo, o autor também se refere à questão do ocultamento ou da invisibilidade de que falávamos.

Bachelard, propõe uma ruptura entre o conhecimento científico e o conhecimento do senso comum., pois, “ trata-se nada mais nada menos que da primazia da reflexão sobre a percepção(...)” (2001, p.19). Sobre o conhecimento científico e seus limites, Bachelard comenta que a impossibilidade de um conhecimento científico não significa uma limitação do pensamento, a fronteira do conhecimento é apenas momentânea, e que filosoficamente, toda a fronteira absoluta proposta à ciência é a marca de um problema mal posto. Cabendo, pois a à filosofia da ciência o dever de “ limar por todos os lados as limitações iniciais, reformar o conhecimento não científico, que entrava sempre o conhecimento científico.” (p.26) Trata-se do chamado obstáculo epistemológico. Haveria, então, sempre condição de se verificar a realidade, a questão estaria na proposição bem formulada do problema de pesquisa.

Sobre a questão da interpretação, Eco fala que existem critérios para limitar a interpretação de um texto, e que a interpretação , característica básica da semiótica , por ser potencialmente ilimitada, não significa dizer que a interpretação não tenha um objeto e que corra por conta própria. (1993, p.28)

Enquanto epistemólogo, Bachelard propõe aos cientistas pensar não apenas os aspectos objetivos relativos aos seus processos de investigação, mas também os aspectos subjetivos: “aos cientistas reclamaremos o direito de desviar por um instante a ciência do seu trabalho positivo, da sua vontade de objectividade para descobrir o que resta de subjectivo



nos métodos mais severos.”(p.28) O que significa dizer que o autor questiona a concepção do distanciamento do sujeito na sua relação com o objeto. O investigar, nos seus métodos mais severos estaria impregnado da carga de subjetividade do pesquisador. Pensar pois, a relação entre sujeito e objeto no fazer filosoficamente ciência.

Parece-nos que os cientistas da comunicação midiática devem guiar os seus olhares com sensibilidade, pensando uma epistemologia particular das ciências da comunicação, com o desafio que representa para os modos de perceber e compreender os fenômenos de comunicação, pela via da complexidade. Um fazer ciência da comunicação sem romper com a racionalidade, mas admitindo outras lógicas, outras formas de apreender o conhecimento. Uma ciência do sensível que vai fundo nas questões, que aceite a pluralidade das formas de seu saber. Um saber que se pensa.

Trata-se de se entender as ações comunicativas midiáticas com o uso da razão e da intuição, repensando a relação objeto e observador com as possibilidades de sua mútua influência. Uma observação que aceite sua complexidade, os limites do seu olhar, que aceite os escapes, as incertezas, as contradições, as imprevisibilidades. Um saber que se sabe em sua incompletude. Que veja o objeto pelo seu ângulo invisível. Que olhe os afetos, a racionalidade, o corpóreo, as paixões, que não dissocie os signos lingüísticos e os não lingüísticos, que refine o “efeito de sentido científicidade”. Elementos de uma epistemologia da comunicação midiática para a interpretação das interações sociais experienciadas pelos indivíduo no mundo mídia, que leve em conta as mídias, o individual e o social.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BACHELARD, G. Pontos de Partida. In: *A epistemologia*. Lisboa: Edições 70, 2001. p. 15-29.
- BATESON, G. Comunicación. In: WINKIN, y (ORG). *La nueva comunicación*. 4ed. Madrid: Kairós, 1996. p. 120-150.
- BAUDRILHARD, J. A troca impossível. In: *A troca impossível*. R.J: Rocco, 2002. p.9-78.
- BORDIEU, p. A economia dos bens simbólicos. In: *Razões práticas*. 3ed. Campinas: Papyrus, 1998. p.157-197.
- ECO, U. Interpretação e história. In: *Interpretação e superinterpretação*. São Paulo: Martins Fontes, 1993. p, 27-5.
- ESTEVES, J.P. *A ética da comunicação e os meios de comunicação modernos: legitimidade e poder nas sociedades complexas*. Lisboa: Dinalivro, 1998, p. 109- 186, p. 209-243.
- FABRI, P. *El giro semiótico*. Barcelona: Gedisa, 2000.
- HABERMAS, J. A problemática da compreensão nas Ciências Sociais. In: *Teoria da ação comunicativa I*. Madrid: Taurus, 1999. p. 147-196.
- MARTINO, L.C. Elementos para uma epistemologia da comunicação. In: FAUSTO NETO, A et alii. *Campo da Comunicação: caracterização, problematizações e perspectivas*. João Pessoa: Ed. Universitária, 2000. p. 51-75.
- MARX, K. PARTE III . In: *Contribuição para a crítica da economia política*. 5.ed. Lisboa: Estampa, 1977. p. 217- 228, p. 228- 237 e p. 237-241.
- MATTELART, A e M. *História das teorias da comunicação*. São Paulo: Loyola, 1999.
- MORIN, E. A Inteligência cega e Epistemologia da complexidade. In: *Introdução ao pensamento complexo*. 2.ed. Lisboa: Instituto Piaget, 2001. p.13-23, p. 83-113 e p. 137-174.
- SFEZ, L. Nascimento do tautismo. In: *Crítica da comunicação*. São Paulo: Loyola, 1994. p. 69-104.
- SODRÉ, M. Comunicação, um novo sistema de pensamento? In: FAUSTO NETO, A et alii. *Campo da Comunicação: caracterização, problematizações e perspectivas*. João Pessoa: Ed. Universitária, 2000. p. 109-116.
- VERÓN, E. Fundações. In: *A produção do sentido*. São Paulo: Cultrix, Editora da USP, 1980. p. 97-172.



_____. Esquema para el analisis de la mediatización. *Diálogos*. Lima: FELAFACS, S.D. p. 1-17.

_____. *La Semiosis Social*. Barcelona: Gedisa, 1996.